



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 15 | Nº. 28 | Jan./Jun. de 2023

### **Emiliano Ferreira Dantas**

*Instituto Universitário de Lisboa –ISCTE-IUL.*

emiliano\_dantas@iscte-iul.pt

### **Telma Bessa Sales**

*Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.*

telma\_bessa@uvanet.br

## COMPARTILHANDO SABERES: Diálogos e vozes interdisciplinares.

---

### **RESUMO**

O antropólogo Emiliano Dantas participou como assessoria e conferencista do XI Visualidades, evento anual da Universidade Estadual Vale do Acaraú, em Sobral, e concedeu uma entrevista sobre seu trabalho. Eis a entrevista realizada por Telma Bessa e filmada por Nilson Almimo. Os nomes são colocados abreviados: Emiliano Dantas (ED) do Instituto Universitário De Lisboa/ Iscte-Lisboa e Telma Bessa (TB) da Universidade Estadual Vale do Acaraú Sobral.

**Palavras-chave:** Visualidades; Entrevista; Historia Oral

---

### **ABSTRACT**

The Anthropologist Emiliano Dantas participated as advisor and lecturer and gave an interview about his work the XI Visualidades, an annual event at the Vale do Acaraú. State University, in Sobral, Ceará. Here is the interview conducted by Telma Bessa and filmed by Nilson Almimo. The names are abbreviated: Emiliano Dantas (ED) from Instituto Universitário De Lisboa/ Iscte-Lisbon and Telma Bessa (TB) from Universidade Estadual Vale do Acaraú Sobral. For more information, visit the event's website: <https://labomevisualidades.wixsite.com/xivisualidades>

**Keywords:** Visualities; Interview; Oral History.

## Introdução

Emiliano Dantas<sup>1</sup> viajou de Lisboa (PT) para Pelotas no Rio Grande do Sul para participar do XI Visualidades e, em seguida, viajou para Fortaleza e Sobral para o XI Visualidades do Ceará.<sup>2</sup> Com ritmo acelerado e várias atividades, concordou prontamente em nos dar uma entrevista filmada, mas lembrou da dinâmica do evento, pleno de oficinas, diálogos, palestras, passeios. Conseguimos realizar a entrevista no feriado de 15 de novembro, antes do almoço, no hotel em que estava hospedado, e ele se colocou à disposição para o tempo que fosse necessário visto que, esse seria o único momento livre da programação do evento. O XI Visualidades envolveu nessa edição 16 cidades e 26 lugares com atividades, além de apresentar 36 documentários e 18 exposições fotográficas. Eis a entrevista realizada por Telma Bessa e filmada por Nilson Almino. Os nomes são colocados abreviados: Emiliano Dantas (ED) do Instituto Universitário De Lisboa/ Iscte-Lisboa e Telma Bessa (TB) da Universidade Estadual Vale do Acaraú Sobral. Para melhores informações eis o Site do evento: <https://labomevisualidades.wixsite.com/xivisualidades>

**TB** - Estamos em Sobral, dia 15 de novembro de 2022 e esse diálogo faz parte da construção do *XI Visualidades*, cada vez mais apontando na integração das pesquisas acadêmicas e o mundo das artes visuais, das novas e outras linguagens, como os documentários, os grafites, as instalações visuais, as musicalidades, as canções. Nessa dimensão dialogamos com o professor Emiliano Dantas que realiza oficinas e palestras no evento. Inicialmente professor, quais as suas impressões sobre a ideia do Programa Visualidades e como se sente ao visitar pela primeira vez a cidade de Sobral?

---

<sup>1</sup> Emiliano Ferreira Dantas é doutor em Antropologia pelo Instituto Universitário de Lisboa/ISCTE-IUL, mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco/UFPE e graduado em Comunicação Social com habilitação em Fotografia pelas Faculdades Integradas Barros Melo/AESO. No ISCTE foi professor assistente convidado nas disciplinas de Antropologia e Imagem na licenciatura de Antropologia e da disciplina de Laboratório na Pós-graduação em Culturas Visuais.

<sup>2</sup> O visualidades é um evento resultante do programa de extensão capitaneado pelo Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas (Labome) da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) que envolve atividades de formação e divulgação científica de trabalhos de pesquisa que expressem om suporte visual os seus resultados. Nesta edição acontece também no RJ, Pelotas no Rio Grande do Sul.

**ED:** Olá, Telma. Obrigada pelo convite, agradeço também ao Visualidades. Eu acho que a proposta do visualidades, é uma proposta muito interessante porque, é um festival, é uma amostra voltada para o público de uma forma mais geral, não é especificamente para um público mais acadêmico, ou um público mais das artes visuais. É sim, para a comunidade e a cidade, e está dentro, está no entorno da universidade. Então, eu achei que é uma proposta muito interessante, e fiquei feliz de contribuir com a oficina que tem uma proposta de trabalhar com leitura e escrita através das imagens. E pensando que através das imagens, nós podemos ler o nosso mundo visível e esse exercício a partir da pessoa que conduz, e, vai tentando despertar questões que envolvem nossas vidas. Como por exemplo, questão de raça, de classe, questões de cor, para ir despertando nas pessoas, esse processo de consciência desse mundo visível. Ao mesmo tempo, promover um debate entre todos os participantes porque a oficina acontece numa proposta singular, mas o tempo todo, está todo mundo ali, e o tempo todo essas pessoas vão, no processo dialético, debatendo sobre esse mundo que elas vivem. E depois com imagens que elas vão criar narrativas visuais. E eu digo, que essas narrativas visuais, vão criando, é a chance de reescrever esse mundo visível, de, nessa reescrita desse mundo visível, que as pessoas podem repensar esse mundo, repensar de forma crítica. De repensar a partir das suas subjetividades, mas também, da intersubjetividade das pessoas, de todos aqueles que participaram e estão participando da oficina. E no segundo momento a gente vai ter uma exposição com fotografias, com imagens que estão sendo usadas. As pessoas são convidadas a intervir nessas imagens. Intervir com postura, colagens, intervir com múltiplas técnicas, para a produção dessa nova narrativa. E, o que é muito importante, é que, a ideia é fazer pesquisa com imagem. Mais ainda, uma pesquisa, compartilhada. Uma pesquisa em que todos e todas vão ali se debruçando, se questionando. E a gente vai problematizando e vai, é, tornando mais complexa essa noção sobre esse mundo. No caso, as imagens mostram cenas de Sobral, são cenas da prática cotidiana. Enfim, são várias fontes de imagens, que inclusive, muitas delas foram cedidas do próprio arquivo do LABOME<sup>3</sup> por alguns bolsistas. Dentro dessa antropologia, que é uma antropologia pela a educação, não diria pela a educação, mas uma antropologia com a educação, uma antropologia que

---

<sup>3</sup> Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas (LABOME) é um arquivo público de documentos orais e visuais, de apoio à investigação científica, vinculado ao Curso de Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas (CCH) da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), com sede na Avenida John Sanford, 1835, bairro Junco, na cidade de Sobral, Ceará.

vai colocar as pessoas em movimentos de habilidades. Esses movimentos de ler as imagens, de desenvolver a visão e a atenção, desenvolver a escuta e a atenção, desenvolver também, o toque das imagens. E reconectando, esse corpo, durante a oficina, que seria, um processo de educação e é um processo que se inspira na pedagogia de Paulo Freire com essa proposta, de ter uma leitura e uma visão crítica do mundo. É como uma pedagogia que acontece de uma prática de liberdade. Essas práticas de liberdade, envolvem a gente para se perceber os processos de opressão e retirar esses processos de dentro da gente. Então, é assim. É um trabalho com imagem, mas é um trabalho complexo, é um trabalho que envolve muitas questões. Mas o que está em questão mesmo, é essa produção do conhecimento compartilhada.

**TB:** Então, é um trabalho muito interessante, essa sua narrativa, porque nós conversamos, nós falamos de uma interdisciplinaridade, de uma história posicionada, de uma história partilhada, e de uma construção coletiva. Obviamente inspirada na educação de Paulo Freire e uma educação libertária. E gostaria, que você comentasse essa relação construída historicamente do campo da História e do campo da Antropologia. Esse diálogo presente na historiografia vem dos anos de 1930 com os franceses que deram uma abertura maior para o campo da história a partir dos *Annales*<sup>4</sup> com Jacques Le Goff, Marc Bloch, e aproximação com as ciências sociais, antropologia, etc. Então, esses casamentos, essas construções, elas são benéficas ampliando cada vez mais nossa discussão teórica-metodológica. E aqui, nós trabalhamos muito com a metodologia da história oral, no sentido de ter um campo que contemple várias histórias e várias memórias. Então, o professor vai falar agora, um pouco dessa relação, dessa simbiose que existe dentro desse movimento.

**ED:** Então, quando trabalho com imagem, eu agora também vou falar um pouco sobre minhas pesquisas com a antropologia visual e a minha leitura do trabalho do Timothy Ingold<sup>5</sup>. Ele vai propor, uma ideia de uma história que não é linear, marcada por

---

<sup>4</sup> A Escola dos *Annales* renovou e ampliou o quadro das pesquisas históricas ao abrir o campo da História para o estudo de atividades humanas até então pouco investigadas, rompendo com a compartimentação das Ciências Sociais (História, Sociologia, Psicologia, Economia, Geografia humana e assim por diante) e privilegiando os métodos pluridisciplinares.

<sup>5</sup> Timothy Ingold, nascido em 1948, formado em Antropologia Social pela Universidade de Cambridge em 1970, e tem PhD em 1976. Em seu doutorado, realizou pesquisa etnográfica entre os Saami Skolt do nordeste da Finlândia. Foi professor de Antropologia Social na Universidade de Manchester até o ano de 1999, quando foi

grandes acontecimentos, que geralmente são datados e são documentados por aqueles que desenvolveram os movimentos colonizadores e imperialistas. E aí, essa história acaba sempre ficando, a história do conquistador, a história eurocêntrica do mundo. O Ingold, propõe essa ideia de uma história que acontece pelos movimentos da vida, pelos devires. E aí, ele vai dizer que essa história surge a partir do encontro do devir humano, do devir vegetal, do devir animal, e assim sucessivamente. E, o que eu gosto dessa proposta do Ingold, é a gente pensar essa proposta do movimento. E como esses movimentos, dentro do mundo, no mundo, eles foram de alguma forma mostrando como tudo foi se misturando e como as coisas também vão se transformando ao longo dos tempos. Mas ao mesmo tempo pensar nessa possibilidade de uma história pelo o movimento, permite outras narrativas, permite a gente situar outros movimentos. E aí, que essa história talvez, que essa história tão hegemônica de uma agência dos humanos e de uma ideia que os homens e as mulheres, foram capazes de conquistar e transformar ao longo dos tempos e sim, desses movimentos, que envolvem a própria transformação da natureza. Mas ao mesmo tempo, nesses movimentos, que a gente pode observar, como essa ideia de natureza, ela também acaba por ser desconstruída, ou reconstruída por outras culturas, ou por esses povos de diferentes lugares, eles pensam e eles constroem essas novas ideias. Então, eu acho que essa perspectiva de pensar pelo o movimento da história, talvez seja, uma possibilidade de um trabalho mais inclusivo e mais ecológico, também.

**TB:** Poderias citar quais as maiores dificuldades enfrentadas no desenvolvimento da pesquisa, incluindo a conjuntura brasileira desse quadriênio, onde tivemos corte de verbas, de avanços de posturas autoritárias, de negação da ciência, de acordos defendendo torturadores. É uma conjuntura realmente muito desafiadora para os pesquisadores.

**ED:** Então, bom, Eu acho que tem muitos desafios. O que eu tenho enfrentado ou que eu percebo, é uma posição da academia de uma forma mais conservadora. Essa posição da academia de querer manter uma determinada, um modelo de produção do

---

convidado para se transferir para a Universidade de Aberdeen (Escócia), onde fundou o Departamento de Antropologia.

conhecimento e produção de pesquisa. E de não aceitar, que outros modelos, ou outros saberes, sejam legitimados como uma produção científica. Então, eu acho que esse ponto é determinante, porque ele vai determinar pra onde o dinheiro vai. Ele vai determinar, os espaços que são ocupados dentro da academia. E essa visão mais conservadora, é ruim porque ela monopoliza, as oportunidades para um único tipo de produção do conhecimento. Mas de uma forma mais plural, essas outras práticas elas existem, elas vêm sendo feitas. Eu acho que eu mesmo tenho dificuldades com instituições conservadoras, mas há muitos investigadores, muitos pesquisadores e tantos centros de conhecimento. Como também há grupos de pesquisa e de trabalho que muitas vezes solitários, conseguem furar, que conseguem atravessar essas dificuldades. Acho que a gente está passando por um período de guerra, de pandemia, enfim, um período de dificuldades.

**TB:** A construção do XI Visualidades, é a nossa luta. Você falou bem, é uma guerra. Uma guerra de narrativas dentro e fora da academia. Então, qual a mensagem que você deixaria para as novas gerações para gente pensar mais amplo, para gente pensar num mundo onde caibam todos os mundos?

**ED:** Então, como uma mensagem, uma ideia, uma centelha, uma provocação. Eu acho que é continuar pensando na educação, na pedagogia, na produção do conhecimento. Como um processo de renovação, como um processo científico, que a ciência permite, inclusive que a gente possa testar o que seriam essas verdades. E permite também, que a cada desenvolvimento, a cada debate, a cada questão que é colocada, que ela possa ser pensada. Que ela possa ser criticada, e que dentro desse processo de crítica e de produção do conhecimento, que as pessoas possam se renovar, e tendo certezas, que essas certezas, que elas podem ser reconstruídas e pensadas. E eu acho que, essa capacidade de renovação, essa capacidade dentro de um processo científico é de estar aberto para outros pontos de vista. O que é muitas vezes colocado como essencial, colocado como uma verdade que dali por diante, isso possa ser criticado. Eu acho, que é muito importante para ser colocado dentro das ciências e a gente quer essa capacidade de renovação.

**TB:** Muito bem. Então, muito obrigada professor. E nós ficamos realmente muito agradecidos, e honrados por receber um professor que tem tanto a nos ensinar e vem reforçar a construção coletiva do visualidades.

---

***Emiliano Ferreira Dantas***

Doutor em Antropologia pelo Instituto Universitário de Lisboa/ISCTE-IUL, mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco/UFPE e graduado em Comunicação Social com habilitação em Fotografia pelas Faculdades Integradas Barros Melo/AESO. No ISCTE foi professor assistente convidado nas disciplinas de Antropologia e Imagem na licenciatura de Antropologia e da disciplina de Laboratório na Pós-graduação em Culturas Visuais. Como bolsista do 3 Ciclo no ISCTE, integrou o projeto Oficinas de Aprendizagem para ensinar jovens estudantes a pesquisarem. Foi agraciado em 2022 com a bolsa de Circulação Internacional da Fundação Gulbenkian para lançar seu livro *Desenquadrando* na Bienal Internacional de São Tomé e Príncipe. É pesquisador/artista residente da Start-up Cultural de Arruda dos Vinhos, onde desenvolve o projeto dos seus livros *Desenquadrando* e *Arruda*. Participa na Quaternário Portugal como investigador para desenvolvimento de inventários para patrimônio imaterial. Teve exposições de suas pesquisas antropológicas em museus do Brasil, Cuba, Portugal e São Tomé e Príncipe.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2174474958653676>

---

***Telma Bessa Sales***

Possui graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1997), mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2000), doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2006) e pós doutorado na Universidade de Évora Portugal (2015). Tem experiência na área de História, com ênfase em História Social, atuando principalmente nos seguintes temas: Brasil, experiências sociais, memória, cultura, história oral, patrimônio industrial e reestruturação produtiva. É professora da Universidade Estadual Vale do Acaraú (Sobral). Atualmente compõe o Conselho Municipal de Patrimônio de Sobral. Faz parte do Grupo de Pesquisa de História Oral.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0922058102364578>